

**MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA LEITORA DE SOPHIA:  
UM EXERCÍCIO DE METACRÍTICA<sup>1\*</sup>**

**MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA READING SOPHIA:  
A METACRITIC EXERCISE**

**RICARDO NOBRE**

[rnobre@letras.ulisboa.pt](mailto:rnobre@letras.ulisboa.pt)

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

<https://orcid.org/0000-0002-0059-5775>

Texto recebido em / Text submitted on: 26/05/2020

Texto aprovado em / Text approved on: 13/10/2020

**Resumo**

Do labor académico de Maria Helena da Rocha Pereira fazem parte diversos estudos sobre a receção das literaturas antigas na poesia portuguesa de diferentes épocas, sendo especial atenção concedida à obra de poetas contemporâneos como Eugénio de Andrade, Manuel Alegre, Miguel Torga e — pelo menos desde 1981, com o estudo «Motivos clássicos na poesia portuguesa contemporânea: o mito de Orfeu e Eurídice» (recolhido em 1988 nos *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*) — Sophia de Mello Breyner Andresen, a quem a professora de Coimbra dedicou pelo menos quatro ensaios: «Paisagem real e paisagem espiritual em alguns poetas portugueses contemporâneos», «The classical heritage in contemporary Portuguese poetry: a few examples» e sobretudo «A luz da Grécia» (todos reunidos em 2003 no volume *Portugal e a Herança Clássica e Outros Textos*). Na interpretação proposta, de exemplar rigor informativo e com um saber imenso, Maria Helena da Rocha Pereira instituiu na obra desses poetas

---

<sup>1\*</sup> Estudo elaborado no âmbito do projeto de Pós-Doutoramento SFRH/BPD/115195/2016, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

uma linha de leitura que se tornou central na crítica literárias portuguesa, a que não terá ficado alheio o desenvolvimento do tema das presenças clássicas no âmbito da investigação universitária. Assim, sem deixar de mencionar outros trabalhos da crítica sobre o mesmo tema (como a investigação levada a termo por José Ribeiro Ferreira, Fernando J. B. Martinho, Eduardo Lourenço ou Federico Bertolazzi), são o objeto de estudo deste ensaio métodos de análise utilizados por Rocha Pereira ao ler Sophia, a que conclusões chegou sobre a influência dos clássicos na obra da poetisa e como alterou a interpretação da poesia da segunda metade do nosso século xx.

**Palavras-chave:** Maria Helena da Rocha Pereira, Sophia de Mello Breyner Andresen, receção dos clássicos, poesia portuguesa, escrita académica portuguesa.

### **Abstract**

From the academic work by Maria Helena da Rocha Pereira there are many studies on classical receptions in the Portuguese poetry from different periods, special attention being payed to the poetic work by contemporary authors, such as Eugénio de Andrade, Manuel Alegre, Miguel Torga and — at least since 1981, with the study «Motivos clássicos na poesia portuguesa contemporânea: o mito de Orfeu e Eurídice» (collect in 1988 as part of the volume *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*) — Sophia de Mello Breyner Andresen, to whom the Coimbra's professor dedicates at least four essays: «Paisagem real e paisagem espiritual em alguns poetas portugueses contemporâneos», «The classical heritage in contemporary Portuguese poetry: a few examples» and especially «A luz da Grécia» (all collected in 2003 in the volume *Portugal e a Herança Clássica e Outros Textos*). In her interpretation, regarding her informative insight and overwhelming knowledge, Maria Helena da Rocha Pereira imposed in the work of these poets a reading topic that went central in the Portuguese literary critic, to which the development of the classical receptions subject in the academic research had no less importance. As it is, mentioning another work from the critic about the same theme (as the investigation took by José Ribeiro Ferreira, Fernando J. B. Martinho, Eduardo Lourenço or Federico Bertolazzi), in this paper I submit to inquiry the analytic methods used by Rocha Pereira as reader of the work of Sophia, dealing with conclusions reached on the classical influences in her poetry and how it shaped the interpretation of the Portuguese poetry in the second half of the 20th century.

**Keywords:** Maria Helena da Rocha Pereira, Sophia de Mello Breyner Andresen, classical receptions, Portuguese poetry, Portuguese academic writing.

Na extensa crítica à poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, é frequente a análise das diversas subtilezas retóricas da autora para a composição de um discurso aparentemente muito simples, despojado de artifício que denuncie um trabalho poético feito de arte e de saber. Este

estilo, comentava Carlos Ceia em 1996, ofereceria resistência ao leitor crítico e justificaria certa escassez ensaística acerca da poética de Sophia porque ela «é um exercício de simplicidade sobre as coisas concretas, e nada mais embaraça o crítico literário português do que uma obra que se funda no que é fácil de entender ou expressar, porque entende que a simplicidade é incriticável, desmontável ou desconstrutível»<sup>2</sup>. Embora, àquela data, sobre a poesia andresiana já tivessem escrito Eduardo Prado Coelho<sup>3</sup>, Gastão Cruz<sup>4</sup>, Óscar Lopes<sup>5</sup>, Eduardo Lourenço<sup>6</sup>, Joaquim Manuel Magalhães<sup>7</sup>, David Mourão-Ferreira<sup>8</sup>, Luís Miguel Nava<sup>9</sup> e António Ramos Rosa<sup>10</sup> — «limit[ando]-se, quase invariavelmente, a uma crítica laudatória de pasmo e admiração absoluta sobre os versos»<sup>11</sup> —, a verdade é que um dos tópicos mencionados com mais insistência respeita a essa inefável característica poética que dificilmente se deixa analisar.

Esta tendência manteve-se durante décadas, pois, como recorda Fátima Freitas Morna, «É [...] comum usar termos como perfeição, claridade ou esplendor para caracterizar a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, talvez porque a inibidora fronteira entre a utilização da linguagem para falar de poesia e a poesia ela própria seja, no seu caso, quase inexistente, produzindo aquele efeito, tão novo e tão antigo, que só raríssimos poetas realizam ao tornar simples, apreensível e comunicável o ser e o sentido da nomeação, a razão pela qual associamos o verbo poético e a criação»<sup>12</sup>.

Nesse sentido, podem identificar-se na obra poética de Sophia traços distintivos que, em diversos momentos de arte poética, instauram uma linha de leitura que se foi repetindo. De fora destas leituras ficou, de modo que hoje pode causar estranheza, a ideia de que tal poesia radica profundamente na tradição e em concepções poéticas herdadas de Pessoa, Camões, Rimbaud, entre outros, cuja presença nos versos da autora tem sido estudada por autores como Eduardo Prado

---

<sup>2</sup> Ceia 1996: 15.

<sup>3</sup> Coelho 1972 e 1984.

<sup>4</sup> Cruz 2008: 154-170.

<sup>5</sup> Lopes 1986.

<sup>6</sup> Lourenço 1974.

<sup>7</sup> Magalhães 1989.

<sup>8</sup> Mourão-Ferreira 1980.

<sup>9</sup> Nava 2004.

<sup>10</sup> Rosa 1987.

<sup>11</sup> Ceia 1996: 11.

<sup>12</sup> Morna 2016: 12.

Coelho<sup>13</sup> ou Helena Buescu, que defende que «a presença tutelar de Pessoa [...] é [...] uma *homenagem* [...] e [...] uma *distância* [...]. Não será [...] por acaso que [...] seja Ricardo Reis o eleito direto para tal homenagem (“Homenagem a Ricardo Reis”, *Dual*): porque nele encontramos o vazio pessoano a que Sophia responde; porque nele se debatem deuses, Apolo e Dioniso em primeiro lugar, herança clássica, na sua dimensão abstrata e concreta»<sup>14</sup>.

Relacionado com o sentido de pureza primordial, encontram-se as famigeradas referências insistentes ao mar<sup>15</sup> e ao imaginário da Grécia, aqui se incluindo a sua mitologia e paisagens. A respeito da presença da Grécia na obra da poetisa, é necessário reconhecer que ela é hoje um aspeto bem investigado, em larga medida graças ao trabalho pioneiramente desenvolvido por uma helenista da Universidade de Coimbra que, desde os anos 60 do século xx, dedicou parte fundamental da sua atenção ao estudo do que veio a chamar *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. É este o título da obra de Maria Helena da Rocha Pereira, publicada em 1972 (2.<sup>a</sup> ed. 2008), recolhendo ensaios subordinados a esse assunto, produzidos de 1950 a 1968, na continuação dos quais Rocha Pereira publicaria em 1988 os *Novos Ensaios Sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (2.<sup>a</sup> ed., 2012), com textos dispersamente vindos a lume entre 1965 e 1985. Em 2003, *Portugal e a Herança Clássica e Outros Textos* recolheria trabalhos produzidos entre 1985 e 2001.

Estas obras, que constituem o *corpus* fundamental da presente investigação, demonstram, em datas bastante anteriores ao manifesto de 1993 em favor do estudo da receção clássica nas literaturas e críticas modernas, da autoria de Charles Martindale<sup>16</sup>, defendendo a importância, o interesse e a necessidade de investigar, do ponto de vista estético-literário, de que

---

<sup>13</sup> Coelho 1987. O autor, depois de registar na nossa literatura a importância concedida a Fernando Pessoa até à *Poesia 61*, confirma, também na obra de Sophia, a presença do poeta da geração de *Orpheu*. Considerando o poema «Cíclades» (*O Nome das Coisas*) como «uma das peças capitais de uma história da receção de Pessoa» (Coelho 1987: 118), afirma que a poetisa «não escreve *de costas* para Pessoa, como Eugénio de Andrade se propunha fazer» (Coelho 1987: 119).

<sup>14</sup> Buescu 2005: 70-71.

<sup>15</sup> Resume Manuel Gusmão (2013: 13) que «A tónica do mar é sem dúvida uma das primeiras e mais poderosas figuras que magnetiza a poesia de Sophia».

<sup>16</sup> Martindale 1993. O ensaio *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception* é considerado o fundador teórico do estudo das sucessivas leituras e interpretações a que os textos clássicos foram sujeitos (cf. sobretudo Martindale 1993: 1-34). Vem, no entanto, na sequência do método seguido por Highet 1949, que Martindale não cita, e das tradicionais recolha e identificação de fontes.

forma menções, alusões ou traduções dos autores greco-latinos dão corpo e sentido a um novo texto ou, por outras palavras, como uma cultura antiga se torna *herdada* da cultura contemporânea<sup>17</sup>. Da mesma feita, muitos destes estudos antecedem a hoje bem estabelecida interpretação do lugar que a Grécia ocupa na obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen<sup>18</sup>.

Tal como agora, no momento em que a Receção dos Clássicos é um campo do saber autónomo no âmbito geral dos Estudos Clássicos, os trabalhos de Rocha Pereira já acusavam dois modelos metodológicos: a perspetiva diacrónica (que identifica e estuda, ao longo de uma cronologia mais ou menos alargada, a presença de um mito ou a fortuna de um texto específico<sup>19</sup>) e a sincrónica, que tanto se centra num só autor (Miguel Torga, Eugénio de Andrade, David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre, entre outros), como numa geração de autores<sup>20</sup>. Deve assinalar-se que a investigação a

---

<sup>17</sup> García Jurado 2016: 27-42 identifica as metáforas cognitivas presentes nos estudos da tradição clássica: da hereditariedade (concretizada na terminologia como «legado» e «herança»), da imortalidade («pervivência» e «fortuna»), do contágio («influência») e democrática («receção»). Assim, as metáforas usadas por Rocha Pereira são sobretudo as hereditárias e as do contágio.

<sup>18</sup> Mais ou menos recentemente, trataram o assunto da receção de temas clássicos em Sophia: Cunha 2004, sobre os mitos, Fernando J. B. Martinho 2013b: 18-19, a propósito de *Mar Novo*; Fátima Freitas Morna 2016: 17 alarga eficazmente os espaços gregos ao Mediterrâneo (incluindo naqueles um não menos recorrente imaginário romano); sínteses sobre deuses podem ser lidas em Eiras 2011 e Silva 2012; sobre mulheres da cultura grega em Sousa 2012. Dada a sistematicidade com que trabalha o assunto, merecem especial referência os ensaios de José Ribeiro Ferreira: sobre Orfeu em *Musa* (Ferreira 1998) ou mais genericamente «O Fascínio da Grécia» (Ferreira 2006a). Em artigos temáticos, a obra de Sophia é posta em perspetiva a propósito dos mitos de Ulisses (Ferreira 1996a: 455-462), do labirinto (Ferreira 1996b: 325-332), de Troia (Ferreira 2006b: 518-521), de Narciso (Ferreira 2000: 102), de Cassandra e Electra (Ferreira 2012: 263-265, 267-269) e de Antígona (Ferreira 2013: 238-239).

<sup>19</sup> Refiro-me concretamente a «Reflexos Portugueses da IV Bucólica de Virgílio» (Pereira 2012: 333-356), publicado originalmente em 1981, e às leituras da literatura portuguesa a partir de referências a um mito, como sucede com Orfeu e Eurídice e com Medeia, de que a seguir se falará.

<sup>20</sup> De facto, Maria Helena da Rocha Pereira estudou fundamentalmente a presença da cultura grega na nossa poesia (no volume *Portugal e a Herança Clássica e Outros Textos*, o limite da poesia é esporadicamente ultrapassado em dois ensaios sobre Camilo e outro sobre a teoria da catarse aristotélica nas artes poéticas setecentistas), com especial ênfase na obra de autores do século XVI (António Ferreira e em particular Luís de Camões), XVIII (Correia Garção e Bocage) e do século XX (Augusto Gil, Fernando Pessoa), além dos citados poetas contemporâneos.

respeito da obra de Sophia é feita segundo estas duas perspetivas, mas com particular insistência no que se refere ao conjunto dos poetas contemporâneos.

Dentro da designação de «escritores contemporâneos», vivos no momento em que os ensaios foram produzidos, são lidos individualmente quatro autores e uma autora<sup>21</sup>: Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, David Mourão-Ferreira<sup>22</sup> e Manuel Alegre. Ao juntá-los a José Augusto Seabra, Rui Knopfli e Orlando Neves em três ensaios sobre poesia portuguesa contemporânea<sup>23</sup>, a professora da Universidade de Coimbra demonstra consciência de aspetos comuns aos escritores estudados: «não se consideram pertencentes a nenhuma escola» e «cada um deles possui um estilo, uma estética própria»<sup>24</sup>. Os estudos literários portugueses corroboram esta perspetiva, visto que, depois dos Modernismos, do Surrealismo e do Neorrealismo, as obras de referência abandonaram a classificação por períodos estéticos, adotando um ponto de vista neutralmente cronológico de década<sup>25</sup>.

Assumindo-se sempre como amostras, «sem tentar de modo algum ser exaustivo»<sup>26</sup>, «pequena parte», «uma amostra muito restrita», «exemplos muito breves»<sup>27</sup>, de um cenário mais amplo, os estudos de Rocha Pereira aparentam uma simplicidade que, na verdade, é difícil de alcançar. Se estas afirmações são uma forma de salvaguardar a impossibilidade de contemplar todos os autores ou todos os temas clássicos por eles glosados, atingindo a utopia de exaustão, a escolha dos escritores portugueses é justificada segundo critérios estéticos: os melhores ou os mais representativos<sup>28</sup>.

---

<sup>21</sup> Provavelmente reflexo do tempo em que os estudos foram realizados, Sophia é a única autora tratada.

<sup>22</sup> Mourão-Ferreira é a exceção do critério antes enunciado porque faleceu no ano anterior ao texto que refere a sua obra (Pereira 2003: 207-223).

<sup>23</sup> Em «Paisagem Real e Paisagem Espiritual da Grécia em alguns poetas portugueses contemporâneos» (de 1999) o *corpus* é constituído por Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Manuel Alegre e José Augusto Seabra; em «The Classical Heritage in Contemporary Portuguese Poetry: a Few Examples» (2001), Sophia e Eugénio; em «Temas Clássicos em quatro poetas portugueses contemporâneos» (de 1994), Knopfli, Alegre, José Augusto Seabra e Orlando Neves. Todos estes ensaios foram reunidos em *Portugal e a Herança Clássica e outros textos* (Pereira 2003).

<sup>24</sup> Pereira 2003: 149.

<sup>25</sup> Martinho 2013a: 11-18; sobre gerações, 18-36.

<sup>26</sup> Pereira 1972: 36.

<sup>27</sup> Pereira 2003: 149.

<sup>28</sup> Pereira 2012: 303.

É muito evidente que o que interessa sobretudo à ensaísta é a Grécia ou, nas suas palavras, «[o] esplendor cultural da Grécia de outrora»<sup>29</sup>, «uma pátria intelectual, aquela em que nasceu o ideal de justiça, de liberdade, de sabedoria, de beleza»<sup>30</sup>. Esta descrição da Grécia antiga e da cultura que a sustentou e garantiu a sua imortalidade configurou um imaginário sinónimo de prestígio e assumido como «modelo supremo»<sup>31</sup> em alguns períodos histórico-literários. A Grécia teria sido educadora e doutrinadora, visto que os Romanos são considerados seus «discípulos»<sup>32</sup> e que os vestígios gregos nas culturas modernas são interpretados como um «legado»<sup>33</sup>, «fonte inesgotável»<sup>34</sup>, «grande fonte de inspiração de toda a cultura ocidental»<sup>35</sup>, repositório de onde poetas «retiraram o tema de numerosas obras-primas»<sup>36</sup>, motivo para que cause *impressão* nos «nossos autores»<sup>37</sup>. A presença desses tópicos é considerada como «aproveitamentos»<sup>38</sup>, na perspetiva de uma aparente atualização ou renovação do imaginário de origem grega.

Com efeito, em «Paisagem Real e Paisagem Espiritual em Alguns Poetas Portugueses Contemporâneos»<sup>39</sup>, Rocha Pereira<sup>40</sup> verifica como, na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Manuel

---

<sup>29</sup> Pereira 2003: 148.

<sup>30</sup> Pereira 2003: 149.

<sup>31</sup> Pereira 2003: 148.

<sup>32</sup> Pereira 2003: 148.

<sup>33</sup> Pereira 2003: 148, 204.

<sup>34</sup> Pereira 2003: 149.

<sup>35</sup> Pereira 2003: 161.

<sup>36</sup> Pereira 2003: 149.

<sup>37</sup> Pereira 1972: 36.

<sup>38</sup> Pereira 2012: 303.

<sup>39</sup> Cronologicamente próximo deste é o ensaio «The Classical Heritage in Contemporary Portuguese Poetry: a Few Examples» (de 2001) (Pereira 2003: 162-170), que sintetiza a investigação da autora sobre a receção de temas clássicos na obra de Eugénio de Andrade e de Sophia de Mello Breyner Andresen, acerca da qual se recuperam as ideias de Apolo como representação alegórica das artes e da sabedoria, «model of beauty and harmony between man and nature» (Pereira 2003: 163), como ilustram os poemas «Apolo Musageta» (*Poesia*), «Os Deuses» (*Dia do Mar*), «Delphica» (*Dual*). Acerca de «Crepúsculo dos Deuses», «Sunion», «A Koré» e dos poemas sobre Epidauro, retomam-se afirmações semelhantes às já lidas em «Paisagem Real e Paisagem Espiritual» e, por fim, a menção do mito de Orfeu e Eurídice é um brevíssimo resumo (convocando como exemplo apenas um poema, «Soneto de Eurydice», de *No Tempo Dividido*) da investigação de 1981-1982 sobre aquela história na poesia contemporânea (mais concretamente, José Gomes Ferreira, Miguel Torga e Sophia).

<sup>40</sup> Pereira 2003: 148-161.

Alegre e José Augusto Seabra, os topónimos Grécia, Epidauro, Delfos ou Súnion têm um enorme poder evocador, transformando um lugar real em ideais e símbolos de um passado irrecuperável e (talvez por isso mesmo) merecedor de homenagem. No caso de Sophia, a Grécia é «o país de onde partiu o ideal que unifica todo o seu ser»<sup>41</sup>, argumento que Rocha Pereira confirma com exemplos retirados de poemas de *Geografia* («Acaia» e «Ítaca»), de *Dual* («Eis aqui o país da imanência sem mácula») e de *Ilhas* («A Koré»), ou seja, obras publicadas entre 1967 e 1989, circunstância que não se poderá desligar da visita que Sophia fizera à Grécia pouco tempo antes (e que está bem documentada na correspondência trocada com Jorge de Sena<sup>42</sup>).

Os ensaios a que me refiro estruturam-se em molde semelhante: introduz-se o assunto, com referências genéricas e apelando muitas vezes à intuição do leitor, avançando-se depois para a convocação e breve análise de textos considerados pertinentes para o tema. Por exemplo, nos ensaios diacrónicos sobre mitos, começa-se pela identificação das versões antigas do enredo, antes de percorrer a sua recomposição na poesia portuguesa. Em «O Mito de Medeia na Poesia Portuguesa»<sup>43</sup>, depois de fazer a relação das fontes antigas, a autora conduz o leitor por um «breve peregrinar por vários séculos»<sup>44</sup> da nossa literatura em que a feiticeira é mencionada. O percurso, que se inicia no *Cancioneiro Geral* termina em Sophia de Mello Breyner

---

<sup>41</sup> Pereira 2003: 149.

<sup>42</sup> Com efeito, a poetisa, em abril ou maio de 1964, escreveu a Sena algumas impressões que a viagem (feita na companhia de Agustina Bessa-Luís) lhe deixara: «Sobre a Grécia só o Homero me tinha dito a verdade: mas não toda. O primeiro prodígio do mundo grego está na natureza: no ar, na luz, no som, na água. É uma natureza mitológica onde as montanhas e as ilhas têm um halo azul» (Breyner & Sena 2006: 69); «Na Grécia tudo é construído como religião do homem à natureza. [...] Mas os templos gregos só são compreensíveis situados no mundo que os rodeia. A ligação entre a arquitetura e ao ar, a luz, o mar, os promontórios, os espaços é total. E essa ligação é simultaneamente racional e misteriosa, profundamente íntima. / Há também na Grécia uma atmosfera extremamente primitiva, um misto de doçura e de austeridade, de afinamento exato e de rudeza [...]. De certa maneira encontrei na Grécia a minha própria poesia “o primeiro dia inteiro e puro — banhando os horizontes de louvor”» (Breyner & Sena 2006: 70). Nas obras anteriores, o imaginário grego está presente na poesia de Sophia sobretudo pela evocação de figuras e não de espaços míticos, que sugerem a ligação do presente com o passado ou do homem com os deuses gregos (de que é relevante metáfora a ideia da consulta do oráculo).

<sup>43</sup> Pereira, 1972: 13-36.

<sup>44</sup> Pereira 1972: 36.

Andresen<sup>45</sup>. De *Dia do Mar*, o poema «Medeia (Adaptado de Ovídio)» é tratado primeiro em função do afastamento do original, mas louva-se, tal como em «Níobe Transformada em Fonte» (recolhido em *Poesia*)<sup>46</sup>, o momento em que a poetisa excede criativamente o modelo antigo, ou seja, cria um valor semântico que o texto-base não tinha<sup>47</sup>.

Em «Motivos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea: O Mito de Orfeu e Eurídice»<sup>48</sup>, também se verifica que o primeiro parágrafo parte de considerações gerais para particulares:

Os mitos gregos são [...] uma presença continuada na cultura europeia [...]. Exemplos de situações humanas extremas, matéria de alegoria, motivo de embelezamento literário, artístico ou musical, para tudo têm servido. O homem do século XIX, e sobretudo o do nosso tempo, encontra neles campo de reflexão interminável, quer se situe no ângulo de visão psicanalítico, quer no antropológico, quer no sociológico ou no da história da religião. [...] O que nos interessa considerar é o facto [...] de os mitos gregos terem assumido na literatura ocidental contemporânea um papel de relevo tal, que se tornaram indissociáveis de muitas das obras-primas da atualidade.<sup>49</sup>

Os parágrafos seguintes a este são dedicados à apresentação das fontes antigas que testemunham a história de Orfeu, de fragmentos de Íbico e Simónides até à versão de Ovídio, após a qual se resume:

Ao elemento essencial e certamente inicial da história — a magia exercida pelo canto — vem juntar-se o do terrível binómio *mors-amor*, duas potências ambas invencíveis. Compreende-se que um drama com estes ingredientes não tenha cessado de atrair os artistas. Adesão, ironia, distorção, recriação, de tudo encontramos. Efetivamente, o mito foi tratado vezes sem conta e

---

<sup>45</sup> Pereira 1972: 32-36. São identificados vestígios daquele mito também em Gil Vicente, Camões, António José da Silva, António Dinis da Cruz e Silva e em Bocage.

<sup>46</sup> Estes poemas *adaptados de Ovídio*, «Medeia» e «Níobe Transformada em Fonte», são os únicos que se apresentam na obra de Sophia como tradução das palavras de outro escritor.

<sup>47</sup> E, com efeito, o «motivo da magia, quando derivado das *Metamorfoses* de Ovídio pela pena de Sophia de Mello Breyner [Andresen], evoca as divindades tenebrosas e sobrenaturais do vate latino, mas em breve se evolva do perecível e circunstancial do tema para nos tornar perceptível o próprio poder da criação poética» (Pereira 1972: 36).

<sup>48</sup> Pereira 2012: 303-322.

<sup>49</sup> Pereira 2012: 303.

de inúmeras maneiras em diversos países, na poesia, na música, nas artes plásticas, desde a Idade Média aos nossos dias, e com particular relevo no século XX.<sup>50</sup>

Depois da citação de nomes de escritores de diferentes nacionalidades, a professora de Coimbra apresenta o seu *corpus* de estudo, constituído, entre outros, por três poetas portugueses: José Gomes Ferreira, Miguel Torga e Sophia de Mello Breyner Andresen<sup>51</sup>. No que diz respeito à obra desta última, a ensaísta identifica «Quatro composições, das quais três com o título de “Eurydice” (escrito à maneira grega), e tod[a]s tomando-a como motivo central»<sup>52</sup>. Nos poemas epónimos de *Dia do Mar* (incipit: «A noite é o manto que ela arrasta») e de *Dual* (incipit: «O teu rosto era mais antigo do que todos os navios»), Rocha Pereira encontra «a identificação de Eurydice com a poesia», e em «Soneto de Eurydice» (*No Tempo Dividido*), «as duas figuras míticas personificam claramente o patrono da poesia e a sua própria poetisa, numa busca incessante da beleza que termina em aniquilamento total»<sup>53</sup>.

Esta perspetiva de análise no âmbito da tradição clássica não deixa de ter em conta, no entanto, grandes linhas orientadoras da obra andresiana,

---

<sup>50</sup> Pereira 2012: 304-307.

<sup>51</sup> Pereira 2012: 311. A escolha de autores tão diferentes é resolvida, páginas adiante, por um critério cronológico: «As composições que vamos analisar situam-se entre 1946 e 1980». O texto que tenho vindo a citar foi publicado originalmente em 1981-1982.

<sup>52</sup> Depois da produção deste ensaio por Rocha Pereira, Sophia voltaria a glosar o tema em *Musa*, 1994 (Ferreira 1998).

<sup>53</sup> Pereira 2012: 314. Mais recentemente, Bertolazzi 2013: 13-14 fez uma leitura dos poemas sobre Eurídice de *No Tempo Dividido* que vale a pena citar com alguma extensão. O ensaísta salientou que, na obra de Sophia, a «dimensão labiríntica em que o homem perde as referências habituais possui duas vertentes, uma em que a perda é afundamento sem esperança e outra em que ela é comunhão com o todo. Para testemunhar estes momentos são aqui convocadas algumas figuras tutelares. No primeiro caso aparece a figura de Eurydice que, em dois poemas a ela dedicados, contribui para a definição deste estado de perda. Eurydice, cuja figura se tece de uma esperança a que Sophia chama “abolição da morte” (poema “Eurydice”) mas que Orpheu não consegue resgatar do mundo das sombras, acaba por aí permanecer [...]. No segundo caso, o da feliz união com o todo, as figuras tutelares são António e Cleópatra [...], que parecem aqui continuar o infinito verso que Shakespeare faz dizer a Cleópatra: “Eternity was in our lips and eyes”, dilatando magnificamente e sem constricções os limites da existência. Aqui os dois amantes encarnam o cume de suspensão da existência dentro do fluir natural do tempo graças à intensidade da paixão». Cf. Bertolazzi 2014 sobre aspetos do classicismo da obra andresiana.

uma vez que Rocha Pereira sublinha em composições atrás mencionadas que «[se] acumul[am] as imagens cósmicas de que a arte de Sophia se alimenta: a noite, o firmamento, o mar, as estrelas»<sup>54</sup>. A ensaísta enquadra, assim, a conceção que esta poética tem do mar, harmonizada com o tópico em estudo, sem esquecer a importância do sentido que o mito lhe confere<sup>55</sup>, cuja síntese surge noutro lugar, quando Rocha Pereira afirma: «A expressão mais recente do valor dessa presença [clássica na obra de Sophia] está talvez na conexão direta entre esse elemento fundador da sua obra que é o mar e aquele país»<sup>56</sup>.

Os ensaios de Maria Helena da Rocha Pereira sobre tradição clássica são omissos em bibliografia crítica sobre este tema específico, havendo preferência por estudos sobre os autores antigos e modernos. Tal ausência justifica-se não apenas por falta de estudos críticos sobre o tema na literatura portuguesa, mas sobretudo porque Rocha Pereira elabora a sua investigação a partir das fontes literárias propriamente ditas. Trata-se de um método filológico em que a leitura dos poemas é acompanhada de anotações eruditas a propósito desses lugares. Deste modo, a mensagem é descodificada tanto por análise crítica como por comentário, que tem em atenção o cuidado estilístico da poetisa, como documentam alguns exemplos.

A propósito de «Sunion» (de *Geografia*), a ensaísta explica que aí «fica, como se sabe, a ponta sudeste da Ática, aquela que primeiro divisavam os nautas que vinham do mar Egeu em direção a Atenas. [...] É um lugar açoitado pelos ventos, inundado de sol, sobre o qual se perfilam, muito brancas sobre o azul luminoso do céu mediterrâneo, as colunas dóricas e os restos da arquitrave do Templo de Poséidon»<sup>57</sup>. À explicação junta-se um comentário estilístico: «Uma tripla anáfora que põe em relevo o despojamento absoluto das ruínas do templo, com cada uma destas figuras

---

<sup>54</sup> Pereira 2012: 312.

<sup>55</sup> Pereira 2012: 314. O mito acabaria por estruturar-se sobretudo em torno da catábase. Os poemas «A praia lisa de Eurydice morta» (de *Coral*) e «Eurydice» (*incipit*: «Este é o traço que traço em redor do teu corpo amado e perdido», de *No Tempo Dividido*) — diz Rocha Pereira (2012: 313) — «espelham mais de perto o motivo do reencontro na catábase, logo desfeito». A composição de *Coral* tem dois mitos em contraponto: Eurídice e Eudímion, aquele «por quem *lutaram deuses desumanos*, o amado de Selena, personificação do Sol poente, é agora símbolo de um renascer da terra, exposta aos ventos, mas resistente e animada da vida da sua própria vegetação, que teima em agarrar-se ao solo» (Pereira 2012: 313).

<sup>56</sup> Pereira 2003: 206.

<sup>57</sup> Pereira 2003: 159.

de estilo a reportar-se aos elementos da natureza que entre si disputam a primazia do quadro, forma a moldura que [...] prepara a evocação destas colunas que se destacam no céu»<sup>58</sup>.

Na mesma obra, encontra-se «Crepúsculo dos Deuses», poema acerca do qual Rocha Pereira faz uma longa anotação erudita, tomando o cuidado de mencionar as fontes antigas que transmitem informações de que dispomos sobre os factos aí aludidos. Na composição de *Geografia*, Sophia demonstra conhecimento da história da Grécia «e dela traça um quadro admirável desde Homero à Antiguidade tardia, à qual põe termo a famosa consulta de Juliano-o-Apóstata ao oráculo de Delfos». A análise continua:

O poema [...] faz apelo a vários registos da cultura grega, desde a literatura (o enigmático οἴνοπα πόντον homérico está por trás de «e Homero fez florir o roxo sobre o mar») até à escultura e à arquitetura da época arcaica [...] e clássica. Entre as duas épocas, o facto histórico das Guerras Medo-Persas e a alegria da vitória. A este quadro de progresso, de libertação das capacidades do homem, opor-se-á contudo o apagamento dos deuses «sol interior das coisas», quer dizer, o afastamento gradual do homem da realidade. Nesse ponto, o poeta toca na sua visão do mundo, um mundo onde se quebrou a aliança com as coisas [...]. O poema termina com a famosa resposta que a Pítia teria dado a Juliano, precisamente o imperador que tentou restaurar o culto dos deuses do paganismo. [...] Esta resposta, cujo original grego se compõe de três hexâmetros dactílicos, que a Pítia teria dado a Oribásio, médico do imperador Juliano, talvez em 362 d. C., foi sempre muito apreciada pelos modernos, sob influência do Romantismo, e tem sido, ao mesmo tempo, um assunto favorito de discussão para os historiadores.<sup>59</sup>

Assim sendo, segundo Rocha Pereira, na obra de Sophia a Grécia serve para «desvel[ar] os elos [...] entre as palavras e as coisas», «faz[er] sentir a harmonia e a beleza das suas formas de arte» ou «ilumin[ar] tantas ideias matriciais da cultura europeia, que dela dimanaram»<sup>60</sup>. Nesse sentido, a ensaísta repete sinteticamente neste texto referências feitas noutros lugares a poemas de *Poesia*, *Geografia*, *Dual e Ilhas* — como «Apolo Musageta»,

---

<sup>58</sup> Pereira 2003: 160.

<sup>59</sup> Pereira 2003: 150-151.

<sup>60</sup> Pereira 2003: 202.

«Crepúsculo dos Deuses», *Delphica*<sup>61</sup> e «A Koré»<sup>62</sup> —, que exemplificariam «[o] poder unificador da visão helénica do mundo», para em seguida classificar os tipos de menções da Antiguidade grega presentes na poesia andresiana: «invocações de estátuas e monumentos, de lugares sagrados [...] e de mitos», não apenas o de Orfeu e Eurídice, mas igualmente «os que se ligam a Creta — o do Minotauro, do Labirinto, de Teseu e Ariadne»<sup>63</sup>.

Na conclusão do estudo atrás mencionado sobre Orfeu e Eurídice, Rocha Pereira escreve que este mito «é quase obsessivo em três dos nossos maiores poetas contemporâneos»:

cada um deles o trata vezes sucessivas, refratando-o de modos diversos, pelo prisma da sua própria arte. Colocando a tónica ora sobre um, ora sobre outro dos seus tópicos — o poder da poesia, o da morte, o do amor —, convertendo Orfeu no símbolo da arte poética, identificando Eurídice ora com a poesia, ora com a mulher amada, ou subitamente rasgando toda esta teia de relações, [...] a verdade é que a lenda se desmultiplica numa série de provas irrecusáveis da sua vitalidade.<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> A importância de Delfos está bem documentada desde a Antiguidade (a ensaísta menciona os testemunhos de Heródoto, Estrabão e Pausânias) como símbolo de civilização (representada por Apolo) dominadora da barbárie (Pítion), que no entanto ameaça a harmonia daquela: «É essa a ideia-mestra de algumas das composições pertencentes a *Delphica*, sobretudo o soneto II [...] e no último poema do conjunto, [...] um poema de tonalidades apocalípticas» (Pereira 2003: 158). Sobre «*Delphica IV*» (com o *incipit* «Desde a orla do mar») verifica-se um «contexto diferente [do que surgira no “Crepúsculo dos Deuses”]: agora, trata-se do contraste estabelecido entre o mundo ideal simbolizado pelo mito antigo, segundo o qual Zeus teria lançado uma águia em cada extremo do mundo, águias essas que se foram encontrar em Delfos, facto que demonstrava que o lugar era o centro da Terra, e o mundo atual, em que já não se ouve a Sibila nem a água que murmura» (Pereira 2003: 152). É em «*The Classical Heritage in Contemporary Portuguese Poetry: a Few Examples*» que a autora identifica a fonte deste mito: Píndaro, fr. 54. Snell-Maehler.

<sup>62</sup> Pereira 2003: 202. «A Koré» é a «figura [...] [que] personifica simultaneamente a juventude, um modelo de escultura grega arcaica, célebre pelo seu sorriso enigmático, e os sofrimentos da Grécia ao longo da época bizantina e, sobretudo, do domínio otomano, até à Segunda Guerra Mundial — num conjunto enquadrado pelos belos versos que pintam a luz pálida dos mármore do Pártenon de essência divina» (Pereira 2003: 153; cf. 24-25, 165-166, 202).

<sup>63</sup> Pereira 2003: 204.

<sup>64</sup> Pereira 2012: 322.

Esta última afirmação resulta de uma perspetiva tradicional sobre a presença dos clássicos nas literaturas modernas, que atualizariam temas antigos com diversos propósitos, de que não estaria ausente o já mencionado prestígio cultural, pois Rocha Pereira relaciona «a importância que assume o legado clássico na poesia de Sophia de Mello Breyner [Andresen] e a ligação indestrutível deste com a cultura europeia»<sup>65</sup>. Também por isso, sobre «Ítaca», a Professora de Coimbra considerara que «A viagem é descrita como uma caminhada para a luz da cultura helénica, para uma espécie de segunda vida no seio da sabedoria [...] após a qual termina de súbito por uma espécie de metamorfose realizada por meio da metáfora das estátuas das *korai* arcaicas»<sup>66</sup>.

Embora tratados aqui em conjunto, o facto de terem sido produzidos em momentos distintos da ensaística de Rocha Pereira e do estado da arte na investigação em receção não pode deixar de ser notado. Com efeito, o artigo mais antigo é de 1963 e o mais recente de 2001. Se a teoria da estética da receção e de hermenêutica literária de Jauss<sup>67</sup> e a sua promoção nas literaturas antigas por Martindale<sup>68</sup> parecem ausentes da reflexão que Rocha Pereira propõe acerca dos textos, o que é claro nestes ensaios é um método de trabalho e uma intuição que prescinde de um quadro conceptual teórico muito codificado. Além disso, Rocha Pereira nunca chama a este trabalho «receção», preferindo a metáfora da hereditariedade. Tal ausência não traduz, contudo, qualquer tipo de fragilidade argumentativa, amplamente ultrapassada pela erudição da autora, suportada por uma assinalável sensibilidade literária e capacidade de reflexão sobre o fenómeno em causa.

Por conseguinte, não se poderá dizer que, nos atuais estudos de receção dos clássicos, haja um aspeto estruturante do pensamento crítico que Rocha Pereira não tenha intuído. É que, quando um autor português aproveita um motivo ou tema do imaginário clássico, não está apenas a mostrar que as literaturas antigas fascinam a posteridade, não sendo sequer pertinente falar-se de respeito ou fidelidade à história, mitos ou temas antigos. O que está em causa — e que pode ser aprendido na lição de Maria Helena da Rocha Pereira — é que esse autor atribui um novo sentido, ressemantiza, atualiza e legítima aquilo que academicamente fazemos: a leitura da antiguidade clássica como o nosso património cultural.

---

<sup>65</sup> Pereira 2003: 206.

<sup>66</sup> Pereira 2003: 150.

<sup>67</sup> Jauss 2015 e 2017. Estudos originais de 1972 e de 1982, respetivamente. A estética da receção havia sido, porém, apresentada à Universidade de Constança em 1967.

<sup>68</sup> Martindale 1993.

## Bibliografia

- Bertolazzi, F. (2013), “«Prefácio» a Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *No Tempo Dividido*. [Lisboa]: Assírio e Alvim, 11-17
- Bertolazzi, F. (2014), “A Pequena Flauta da Sombra. O Classicismo de Sophia de Mello Breyner Andresen”, in P. Morão & C. Pimentel (coords.), *Matrizes Clássicas da Literatura Portuguesa: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa: Campo da Comunicação, 455-476.
- Breyner, S. de M., & Sena, J. (2006), *Correspondência 1959-1978* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Guerra e Paz.
- Buescu, H. C. (2005), “Sophia no País das Maravilhas”, in *Cristalizações: Fronteiras da Modernidade*. Lisboa: Relógio D’Água, 47-71.
- Ceia, C. (1996). *Iniciação aos Mistérios da Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Vega.
- Coelho, E. P. (1972), “O Real, a Aliança e o Excesso na Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *A Palavra Sobre a Palavra*. Porto: Portucalense, 225-232.
- Coelho, E. P. (1984), “Sophia, a lírica e a lógica”, in *A Mecânica dos Fluidos: Literatura, Cinema, Teoria*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 109-135.
- Coelho, E. P. (1987), “A Poesia Portuguesa Contemporânea” in *A Noite do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 113-132.
- Cruz, G. (2008), *A Vida da Poesia: Textos Críticos Reunidos (1964-2008)*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Cunha, A. M. dos S. (2004), *Sophia de Mello Breyner Andresen: Mitos Gregos e Encontro com o Real*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Eiras, P. (2011), “A face noturna. Dos deuses em Sophia de Mello Breyner Andresen”, *Colóquio/Letras* 176: 28-37.
- Ferreira, J. R. (1996a), “O Tema de Ulisses em Cinco Poetas Contemporâneos”, *Máthesis* 5: 437-462.
- Ferreira, J. R. (1996b), “O Tema do Labirinto na Poesia Portuguesa Contemporânea”, *Humanitas* 48: 309-333.
- Ferreira, J. R. (1998), “O Tema de Orfeu em *Musa* de Sophia”, *Humanitas* 50: 1019-1024.
- Ferreira, J. R. (2000), “O Mito de Narciso na Poesia Portuguesa Contemporânea”, in *Atas do Symposium Classicum I Bracaraense — A Mitologia Clássica e a sua Recepção na Literatura Portuguesa*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 95-124.

- Ferreira, J. R. (2006a), “Nostalgia do Passado em Sophia: A Nostalgia da Grécia”, *Máthesis* 15: 197-210.
- Ferreira, J. R. (2006b), “O Tema de Troia na Poesia Portuguesa Contemporânea”, in V. Soares Pereira & A. L. Curado (orgs.), *A Antiguidade Clássica e Nós: Herança e Identidade Cultural*. Braga: Universidade do Minho, 517-534.
- Ferreira, J. R. (2012), “Cassandra e Electra na Poesia Contemporânea: Alguns Exemplos”, in C. Pimentel & P. Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (Re)visão da Literatura Portuguesa das Origens à Contemporaneidade*. Lisboa: Campo da Comunicação, 259-270.
- Ferreira, J. R. (2013), “A Figura de Antígona na Poesia Contemporânea: Alguns Exemplos”, in C. S. Pinheiro et al. (coords.), *Mulheres: Feminino Plural*, Funchal: Nova Delphi, 235-250.
- García Jurado, F. (2016), *Teoría de la tradición clásica: Conceptos, historia y métodos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Gusmão, M. (2013). “Coral — Sophia e a Contensão Veemente”. Prefácio a Sophia de Mello Breyner Andresen. *Coral*. [Lisboa]: Assírio e Alvim, 11-15.
- Hight, G. (1949), *The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature*. Oxford: Clarendon Press.
- Jauss, H. R. (2015), *Pour une esthétique de la réception*. Trad. Claude Maillard, pref. Jean Starobinski. Paris: Gallimard.
- Jauss, H. R. (2017), *Pour une herméneutique littéraire*. Trad. Maurice Jacob, apresent. Thomas Pavel. Paris: Gallimard.
- Lopes, Ó. (1986). “Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *Os Sinais e os Sentidos: Literatura Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Caminho, 107-112.
- Lourenço, E. (1974), “Dialética Mítica da Nossa Modernidade”, in *Tempo e Poesia*. Porto: Inova, 203-223.
- Magalhães, J. M. (1989), “Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *Um Pouco da Morte*. Lisboa: Presença, 59-66.
- Martindale, C. (1993), *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Martinho, F. J. B. (2013a), *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Colibri.
- Martinho, F. J. B. (2013b), “«Prefácio» a Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *Mar Novo*. [Lisboa]: Assírio e Alvim, 11-22.
- Morna, F. F. (2016), “«Prefácio» a Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *Ilhas*. [Lisboa]: Assírio e Alvim, 11-26.

- Mourão-Ferreira, D. (1980), “Sophia de Mello Breyner Andresen: na publicação de *No Tempo Dividido*”, in *Vinte Poetas Contemporâneos* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Ática, 173-177.
- Nava, L. M. (2004), “As Navegações de Sophia”, in *Ensaaios Reunidos*, pref. Carlos Mendes de Sousa. Lisboa: Assírio e Alvim, 174-178.
- Pereira, M. H. da R. (1972), *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: Verbo.
- Pereira, M. H. da R. (2003), *Portugal e a Herança Clássica e Outros Textos*. Porto: Asa.
- Pereira, M. H. da R. (2012), *Novos Ensaaios Sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Rosa, A. R. (1987), “A Presença e a Ausência em Sophia de Mello Breyner Andresen” in *Incisões Oblíquas: Estudos Sobre Poesia Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Caminho, 15-20.
- Silva, A. F. I. da (2012), “Divindades Recriadas: Ecos da Cultura Grega m Sophia”, in C. Pimentel & P. Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa: Campo da Comunicação, 207-215.
- Sousa, A. A. A. de (2012). “Mulheres Gregas na Poesia de Sophia”, in C. Pimentel & P. Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa: Campo da Comunicação, 217-230.

(Página deixada propositadamente em branco)